



“Vales da Uva Goethe” e a Sucessão Familiar Nas Vitivinícolas

Zeli Felisberto, Adriana Carvalho Pinto Vieira, Julio Cesar Zilli, Andre Pais Topanotti

RESUMO

No cenário global as empresas familiares têm significativa expressão. E no Brasil não é diferente, visto que atualmente no cenário econômico 90% das empresas são familiares. O presente estudo tem por objetivo compreender o panorama do processo de sucessão familiar nas vinícolas associadas à ProGoethe, situadas na região delimitada pela Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe. O procedimento metodológico utilizado pode ser caracterizado como qualitativo e descritivo, visto que permite ao pesquisador se aproximar da vivência social do grupo em estudo, entendendo como a construção dessa realidade que se processou e como naquele contexto se movimentou. Quanto aos meios de investigação, classifica-se como bibliográfico e estudo de caso, uma vez que foi realizada a investigação a partir de fontes primárias e secundárias: livros, artigos científicos (nacionais e estrangeiros), teses, dissertações e banco de dados eletrônicos. A partir do levantamento da pesquisa, a sucessão nas empresas familiares depende da preparação que receberá a geração futura, por meio da gestão/geração atual, tratando de um processo complexo, tendo em vista que numa empresa familiar encontram-se, além dos aspectos patrimoniais, os aspectos familiares, históricos, os valores que levam a conflitos de liderança e poder.

Palavras-chave: Empresa familiar, sucessão familiar, Vales da Uva Goethe, desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da colonização, a viticultura é uma atividade tradicional em nove regiões brasileiras. Como zonas de viticultura temperada destacam-se as regiões da Fronteira, Serra do Sudeste, Serra gaúcha, Campos de Cima da Serra e regiões Central e Norte do Estado do Rio Grande do Sul; as regiões do Vale do Rio do Peixe, Planalto Serrano, Planalto Norte e Carbonífera, no Estado de Santa Catarina; a região Sudeste do Estado de São Paulo e, a região Sul do Estado de Minas Gerais. A região Norte do Paraná é tipicamente subtropical e as regiões Noroeste do Estado de São Paulo, Norte do Estado de Minas Gerais e Vale do Submédio São Francisco (Pernambuco e Bahia), caracterizam-se como zonas tropicais, com sistemas de manejo adaptado às suas condições ambientais específicas (VIEIRA, WATANABE e BRUCH, 2012).

No cenário brasileiro, o Estado do Rio Grande do Sul se destaca como o maior produtor de uvas no Brasil, responsável, aproximadamente por 90% da produção e comercialização de vinhos e sucos (JOÃO *et al*, 2013). Seguindo, está Pernambuco, São Paulo e Paraná. Santa Catarina, segundo a Epagri (2014), a área plantada com videiras tem sido decrescente, com retiradas de vinhedos em algumas regiões, mas plantados em outras. Possui o 5º lugar em área plantada (4.225 ha) e uma produção de 58.287 ton de uva. No estado há forte predominância da produção de vinhos de mesa.

Neste sentido, pode ser verificado que novos nichos de mercados e estratégias de valorização do produto têm surgido nas últimas décadas. E a noção de indicações geográficas (IG), por exemplo, afluente e se consolidou de forma gradativa, quando produtores e consumidores passaram a perceber sabores ou qualidades peculiares em alguns produtos que provinham de determinados locais, e quando pessoas inidôneas buscaram se aproveitar desta reputação falsificando produtos em face de sua procedência (VIEIRA, WATANABE e BRUCH, 2012).



Dispõe a Lei de Propriedade Industrial (LPI) que a Indicação Geográfica (IG) é um signo distintivo que permite que determinado lugar seja reconhecido ou pelos produtos e serviços que ali são produzidos ou prestados, como também pela qualidade destes produtos, qual se devam exclusivamente àquele lugar. Segundo a norma ela é classificada em Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO).

Neste contexto, com o objetivo de dar maior visibilidade a seu produto, a ProGoethe, juntamente com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e a Universidade de Santa Catarina – UFSC, fizeram o pedido de reconhecimento da Indicação de Procedência (IP) dos vinhos dos “Vales da Uva Goethe”, no Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI). Este foi depositado em 18 de agosto de 2010 sob n°. IG201009, na espécie Indicação de Procedência. Assim, as vinícolas que integram a Associação ProGoethe, e que, desde 2012, possuem o registro da primeira indicação geográfica de Santa Catarina, têm em sua produção de vinho e/ou uva e vinho a participação dos membros da família, da produção a gestão do negócio.

Assim, a região de Urussanga está intimamente ligada à cultura e à tradição de produção da uva e vinho Goethe (*savoirfaire* ou fator humano), apresentando solos e condições climáticas distintas (fatores naturais) de acordo com Vieira, Watanabe e Bruch (2012a).

Conforme representado na Tabela 1 e por Vieira, Watanabe e Bruch (2012b), Santa Catarina tem reconhecimento nacional e internacional pela qualidade dos vinhos finos que produz. E segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI, o impulso dado pelas pesquisas e por investimentos pioneiros construiu um segmento econômico promissor para o Estado.

Tabela 1: Produção de uvas no Brasil, em toneladas (2010-2013).

Estado/ano	2010	2011	2012	2013
Pernambuco	195.168	208.660	224.758	228.727
Bahia	78.283	65.176	62.292	52.778
Minas Gerais	10.113	9.873	10.831	12.725
São Paulo	190.486	217.290	214.684	166.602
Paraná	103.394	83.948	78.614	88.402
Santa Catarina	66.251	67.321	71.019	69.503
Rio Grande do Sul	694.518	830.286	840.251	807.693
Brasil	1.355.461	1.495.336	1.514.768	1.439.535

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal, 2015.

Portanto, a concessão da IP dos Vales da Uva Goethe pode ser considerada um indutor de política pública para que as empresas familiares, associadas à ProGoethe promovam o desenvolvimento local e regional, através de uma nova geração de vinhos e espumantes de uva Goethe, com garantia de qualidade no mercado, regulamentado pelo Conselho Regulador da IPVUG. Face a isto, consequentemente, pode ser considerado um incentivo para eu a empresa tenha a sua continuidade e à permanência dos sucessores das vinícolas atuais, haja vista que a obtenção da IG tem como princípio indutor ampliar mercados, agregar valor aos produtos, gerar empregos e movimentar a economia local (VIEIRA, WATANABE, BRUCH, 2012b).



Assim, a partir do apresentado, o presente estudo tem por objetivo compreender o panorama do processo de sucessão familiar nas vinícolas associadas à ProGoethe, situadas na região delimitada pela IP dos Vales da Uva Goethe. Para se chegar a esse objetivo, no primeiro momento será realizada a análise sobre os conceitos de empresa familiar. Posteriormente, contextualiza-se a região delimitada pela IP dos Vales da Uva Goethe, a situação familiar das vinícolas associadas à ProGoethe, seu possível processo sucessório e, por fim, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empresa Familiar

As empresas familiares, tanto no Brasil quanto no cenário global, têm grande expressão. Nos Estados Unidos, por exemplo, geravam, em 1997, metade do Produto Nacional Bruto (PNB), sendo que na Europa elas dominam o seguimento das grandes empresas. No Brasil mediante análise histórica, principalmente da questão referente à imigração que se instalou aqui, oriundos, em sua maioria, do continente europeu, fundaram suas empresas baseado num modelo societário e em estruturas familiares (MACEDO, 2009).

Segundo a PwC (*Pricewaterhouse Coopers*) os dados da Pesquisa Global sobre Empresas Familiares (2014) - o segmento das empresas familiares está em bom estado: 79% cresceram no período de 2013 para 2014 (em comparação, no mundo cresceram 65%) e 66% esperam crescer de forma consistente nos próximos anos (não considerando a atual crise econômica no Brasil final 2014 e 2015 e que as condições de mercado certamente não serão as mesmas após o termino da recessão). Dos países formados pelo BRICs – 83% esperam crescer no próximo quinquênio, sendo que 23 % tem pretensão mais alta do que esta porcentagem.

Grandes indústrias nacionais nasceram no âmbito da família, muitas se transformaram em empresas mundiais, mas a maioria está constituída, atualmente, por Micro e Pequenas empresas. Estas geram um grande volume de empregos, além dos impostos que beneficiam os cofres públicos e a renda que geram para o PIB (MACEDO, 2009). A pesquisa do Global Family Business Index, da *University of St.Gallen, Switzerland*, em cooperação com EY's *Global Family Business Center of Excellence* (2014) listou no seu último relatório 15 empresas brasileiras dentre as 500 maiores no mundo. Duas delas, entre as 25 primeiras colocadas: o Itaú Unibanco (18ª posição), dos Moreira Salles, e a JBS (24ª), da família Batista. O ranking ainda inclui Odebrecht (26ª) e Camargo Corrêa (138ª), envolvidas nas investigações da Operação Lava Jato, que apura esquema de corrupção na Petrobras. Segundo o relatório, Juntas, as empresas na lista somam US\$ 6,5 trilhões (aproximadamente R\$ 19,7 trilhões) de rendimentos anuais, o suficiente para serem a terceira maior economia do mundo. Ficariam atrás apenas dos Estados Unidos e da China. As companhias, combinadas, empregam 21 milhões de pessoas.

Estima-se que a proporção de empresas familiares gira em torno de 65 e 80% do total de empresas no mundo, considerando-se o fato de que muitas dessas são pequenas e que grande parte não terá sua perpetuidade alcançada. No entanto, essa é a realidade, a forma de empresa que predomina no mundo é a empresa familiar. No Brasil, elas giram em torno de 90%. Estas empresas são inerentes à paisagem econômica, representam a maior parte desta paisagem, e por vezes não nos damos conta disto, pois são empresas que surgem de ideias partilhadas por cônjuges, irmãos, empresas reconhecem o futuro sucessor ainda muito jovem, são os filhos, que ‘ajudam’ na empresa depois do período da escola. Podem parecer simples, pequenas, mas o sonho de perpetuar um negócio assim é o que almeja grande parte da população mundial (RICCA, 2007).



Sob o ponto de vista de Macedo (2009), o autor conceitua empresa familiar como organização que é fundada na família, a qual mantém o controle acionário; pode ter ou não a participação dos membros da família na gestão do negócio; e que o controle acionário seja passado por meio da sucessão por membro (os) da mesma família.

O autor expõe quatro características básicas no conceito de empresa familiar, comuns a vários autores (MACEDO, 2009, p. 28-29).

Origem na família – uma empresa tem origem na família quando membros de uma ou mais famílias iniciam um empreendimento.

Controle acionário – ocorre quando a família possui mais de 50% das ações com direito a voto e desse modo detém o controle acionário da organização.

Gestão familiar – dois ou mais membros da família ocupam cargos de decisão gerencial ou estratégica, em condições de determinar os rumos que a organização deve seguir.

Sucessão familiar – a passagem do controle acionário se faz para um ou mais membros da família do fundador, podendo acontecer por hereditariedade ou por casamento. Pode dar-se também da primeira para a segunda geração e assim sucessivamente.

Para Bilibio (2009) a empresa familiar se caracteriza como pertencente a uma ou mais famílias independentemente de sua natureza jurídica e a sucessão de sua diretoria está ligada diretamente ao fator hereditário. Quando analisado o panorama nacional das empresas familiares, o autor destaca que 95% delas estão na segunda geração.

Segundo o Sebrae Nacional (2015), são características das empresas familiares:

- ✓ Pontos fortes: Comando único e centralizado, permitindo reações rápidas em situações de emergência; Estrutura administrativa e operacional " enxuta"; Disponibilidade de recursos financeiros e administrativos para autofinanciamento obtido de poupança compulsória feita pela família; Importantes relações comunitárias e comerciais decorrentes de um nome respeitado; Organização interna leal e dedicada; Forte valorização da confiança mútua, independentemente de vínculo familiares. A formação de laços entre empregados antigos e os proprietários exerce papel importante no desempenho da empresa; Grupo interessado e unido em torno do fundador; Sensibilidade em relação ao bem-estar dos empregados e da comunidade onde atua; Continuidade e integridade de diretrizes administrativas e de focos de atenção da empresa.
- ✓ Pontos fracos: Primeira geração (fundador vivo) Dificuldades na separação entre o que é intuitivo/emocional e racional, tendendo mais para o primeiro; A postura de autoritarismo e austeridade do fundador, na forma de vestir ou na administração dos gastos, se alterna com atitudes de paternalismo, que acabam sendo usadas como forma de manipulação; Exigência de dedicação exclusiva dos familiares, priorizando os interesses da empresa; Laços afetivos extremamente fortes, influenciando os comportamentos, relacionamentos e decisões da empresa; Valorização da antiguidade como um atributo que supera a exigência de eficácia ou competência; Expectativa de alta fidelidade dos empregados. Isto pode gerar um comportamento de submissão, sufocando a criatividade; Jogos de poder, nos quais muitas vezes vale mais a habilidade política do que a característica ou competência administrativa. Segunda geração (transição da 1ª para 2ª fase) Falta de comando central capaz de gerar uma



reação rápida para enfrentar os desafios do mercado; Falta de planejamento para médio e longo prazos; Falta de preparação/formação profissional para os herdeiros; Conflitos que surgem entre os interesses da família e os da empresa como um todo; Falta de compromisso em todos os setores da empresa, sobretudo com respeito a lucros e desempenho; Descapitalização da empresa pelos herdeiros em desfrute próprio; Situações em que prevalece o emprego de parentes, sem ser este orientado ou acompanhado por critérios objetivos de avaliação do desempenho profissional; Falta de participação efetiva dos sócios que legalmente constituem a empresa nas suas atividades do dia-a-dia; Às vezes, uso de controles contábeis irreais "com o objetivo de burlar o fisco", o que impede o conhecimento da real situação da empresa e sua comparação com os indicadores de desempenho do mercado.

Deste modo, a concorrência, a globalização e a profissionalização, são fatores que acarretam maior complexidade no processo de sucessão da gestão das empresas familiares e não familiares. O esclarecimento e a transparência, em tudo que é decidido dentro da empresa, são essenciais no contexto atual de competitividade e concorrência. Numa empresa familiar, para manter a perpetuidade é necessário um planejamento das ações no processo de mudança de gestão. Não contam apenas os aspectos patrimoniais, mas também aspectos familiares, emocionais e conflitos de liderança e poder (BERNHOEFT, 2003).

Já a cultura organizacional de uma empresa familiar conta com aspectos históricos, crenças, valores e a particularidade do empreendimento em sua formação. A gestão e as regras em uma empresa familiar são próprias, assim como sua linguagem e processos de comunicação (ESTEVAM; FREIRE; MACCARI, 2014).

“A complexidade da gestão na empresa familiar é muito maior que na não familiar, pois na primeira existe o envolvimento emocional dos membros da família que fazem parte da gerência, enquanto que na outra as emoções não se misturam com relações familiares” (MACEDO, p. 30).

Pensando o processo evolutivo da empresa familiar, Moggi e Chaves (2013), pontuam o fato de essas empresas não seguirem linearmente um processo de evolução gradual, mas sim sofrem mudanças em decorrência de crises provocadas por conflitos que fazem com que a empresa passe, de forma repentina, de um estágio a outro dentro do processo de evolução.

2.2 Contextualizando os Vales da Uva Goethe

As primeiras videiras introduzidas no Brasil foram trazidas por colonizadores portugueses em 1532, e plantadas na Capitania de São Vicente, atual Estado de São Paulo, por Martin Afonso de Souza. A vitivinicultura expandiu-se para outras regiões do país com as cultivares *Vitis Vinífera*, oriundas de Portugal e da Espanha. Com a importação das uvas americanas procedentes da América do Norte, nas primeiras décadas do século XIX, vieram as doenças fúngicas que levaram a vitivinicultura colonial à decadência (PROTAS; CAMARGO; MELO, 2002).

A base do desenvolvimento comercial nos Estados do Rio Grande do Sul e São Paulo se deu pela cultivar Isabel, nos anos seguintes no século XX, o panorama mudou e a Isabel foi substituída pela Niágara e Seibel. No Rio Grande do Sul o cultivo das castas *viníferas* foi por meio de estímulos governamentais, e se expandiu por outras regiões do sul e sudeste do país com características de zonas com período hibernal definido e com destaque de americanas e híbridas. Mas foi na década de 60 que a vitivinicultura tropical foi efetivamente desenvolvida no Brasil. Nos anos de 70, surgiu o polo do norte do Paraná e, em 1980, desenvolveu-se nas regiões do Nordeste de São Paulo e de Pirapora no Norte de Minas,



voltadas à produção de uvas finas e consumo *in natura*. Atualmente as regiões do Centro Oeste e Nordeste são as iniciativas mais recentes (PROTAS; CAMARGO; MELO, 2002).

A variedade Goethe foi criada nos Estados Unidos em Salem Massachusetts, quando Edward Stanford Rogers, realizando seu primeiro trabalho de hibridação e vitivinicultura, e colocou o nome em homenagem ao pensador alemão Johan Wolfgang Goethe. E, como explicado por Velloso (2008), foram plantadas as primeiras videiras da variedade Goethe no Vale do Rio Carvão. Em seguida, foram cultivadas no Rancho dos Bugres e produzidas pelas famílias das colônias de Azambuja (Pedras Grandes) e Urussanga, inicialmente para consumo local.

A uva Goethe teve boa adaptação às condições climáticas na região sul de Santa Catarina, e o vinho elaborado apresentava características peculiares. Devido ao sucesso dos vinhos brancos de Urussanga, em 1945, um dos seus maiores apreciadores, o presidente Getúlio Vargas, autorizou a instalação de uma estação de enologia na cidade. Atualmente, é a sede da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI. Em 2002 Urussanga é oficialmente declarada pela Assembleia Legislativa do Estado como a Capital do Bom Vinho. (MAESTRELLI, 2011).

Decorrente da cultura e tradição no cultivo desta uva, em 2005 teve início um movimento para o reconhecimento do vinho branco criando-se a Associação de Produtores da Uva e Vinho Goethe, denominada ProGoethe (VIEIRA; WATANABE; BRUCH, 2012).

E, com o objetivo de maior visibilidade do produto, a ProGoethe, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o SEBRAE solicitaram o pedido de reconhecimento de Indicação Geográfica (IG) dos vinhos dos Vales da Uva Goethe perante o INPI, em 2010 na espécie de Indicação de Procedência. O signo nominativo foi reconhecido em 14 de fevereiro de 2012 (VIEIRA; WATANABE; BRUCH, 2012b). Esta conquista foi uma conquista da Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga (ProGoethe), entidade fundada para agregar vinicultores e difundir a imagem dessa casta.

Figura 1. Logomarca da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe



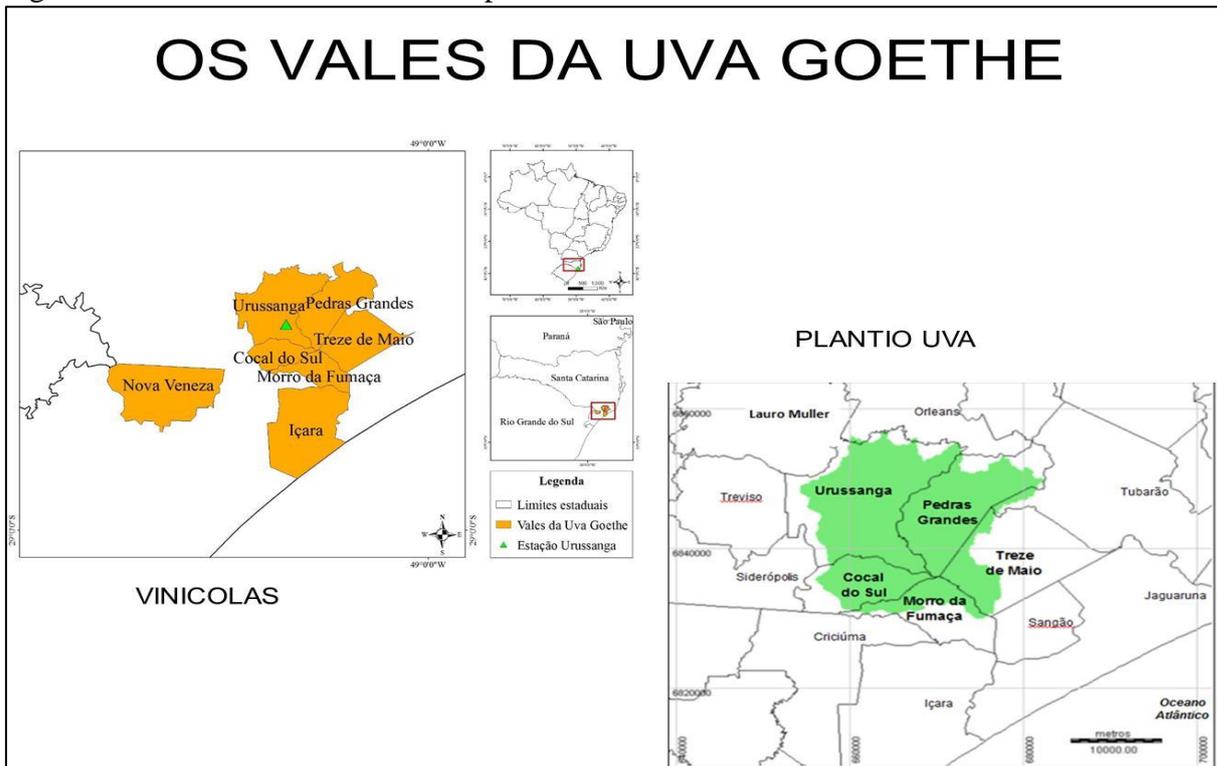
Fonte: Conselho Regulador (IPVUG)

A IPVUG está localizada entre as encostas da serra Geral e o litoral sul catarinense nas Bacias do Rio Urussanga e rio Tubarão cujos vinhedos estão instalados nessa área delimitada numa região de 458,9 Km². A região é composta pelos municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara no



Estado de Santa Catarina, Brasil (INPI, 2012), conforme pode ser visualizado na Figura 2 e estabelecido no estatuto da ProGoethe, para área de abrangência e inclusão de seus associados, de acordo com o que estabelece o artigo 1º do Estatuto da ProGoethe. Os limites IPVUG determinam a área geográfica para a produção da uva Goethe, cujos vinhedos deverão estar instalados nas áreas delimitadas. A escolha do nome “Vales” foi em razão dessa delimitação geográfica, composta por história e tradição, destacando-se como patrimônio cultural, e por estar entre o vale dos rios Urussanga e Tubarão.

Figura 2: Área delimitada dos municípios da IPVUG



Fonte: Vieira, Garcia e Bruch, (2013) com base em dados do IBGE (2013).

As vinícolas que participam desse processo são: a) vinícolas: Vigna Mazon, Vinícola Del Nonno, Vinícola De Noni, Vinícola Trevisol e Vinícola Quarezemim. b) produtores de a uva e elaboram vinhos artesanais: os associados Rodolfo Della Bruna, Denner Quarezemin, Deivson Baldin, Raul Savio, Rafael Sorato, Márcio Scremin e Antônio de Lorenzi Cancelier (PROGOETHE, 2015).

3 PROCEDIMENTO METODOLOGICO

No presente estudo o procedimento metodológico adotado foi a pesquisa exploratória e descritiva. O fator determinante para que seja classificada como exploratória é a necessidade de levantamento de dados, quantidade e tipo de equipamentos atualmente utilizados, com a finalidade de analisar e constatar ou não as mudanças ocorridas (SHAW, 1999).

E quanto aos meios de investigação classifica-se como bibliográfica, uma vez que foi realizada como meio de investigação as fontes secundárias como: artigos científicos (nacionais e estrangeiros), teses, dissertações, livros e sites. Ainda foi utilizado um estudo multi-caso, quanto aos meios de investigação.

A pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (2002) é elaborada quando utiliza materiais escritos, considerando material já publicado, constituído em livros, artigos de periódicos e com material disponibilizado na internet. O estudo multi-caso foi realizado com



os gestores das vinícolas localizadas na região delimitada a IPVUG, localizada no Sul de Santa Catarina. O estudo de caso é um método caracterizado como um estudo intensivo, em que todos os aspectos que envolvem o caso devem ser investigados (FACHIN, 1993).

A população alvo designada foram as cinco vinícolas associadas à ProGoethe e que estão na região delimitada pela Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe, no sul de Santa Catarina. A análise realizada foi observar como vem sendo tratada a sucessão familiar ao longo da existência das vinícolas, que são empresas familiares.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 As empresas vinícolas associadas à ProGoethe

As IG's são signos distintivos e têm sido usados amplamente no mercado agroalimentar, como proteção dos diferentes tipos de produto. A partir desses signos existem estratégias de diferenciação dos produtos no mercado, como, por exemplo, a agregação de valor. No território brasileiro, atualmente, estão reconhecidas 52 IG's, sendo 35 Indicações de Procedência (IP) nacionais e 17 Denominações de Origem (DO) - 09 nacionais e 08 estrangeiras. No setor vitivinícola, são sete IG's (7 IP e 1 DO) (INPI, 2015 a e b).

Atualmente a IP dos Vales da Uva Goethe conta com a participação de cinco vinícolas, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2: Panorama das Vinícolas da IPVUG

VINÍCOLAS	TEMPO DE EXISTÊNCIA DA VINÍCOLA	ÁREA DE PRODUÇÃO DE UVA	CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DO VINHO GOETHE	VINHOS PRODUZIDOS
De Noni	Registrada em 2012	Compra de terceiros	Aproximadamente 50 mil litros/ano	Goethe, Bordo, Niágara, Moscato, Cabernet
Trevisol	10 anos	3 hectares uva Goethe e compra de terceiros	Aproximadamente 150 mil litros/ano	
Mazon	Desde 1986 (26 anos)	4 hectares	Aproximadamente 30 mil litros/ano	Goethe, Niágara, Bordo, Merlot, Cabernet
Quarezemin	10 anos registrada	1 hectare	25 mil litros/ano	Goethe e Bordô
Vitivinícola Urussanga	Desde 1975 (37 anos)	8 hectares	Aproximadamente 80 mil litros/ano	Goethe, Cabernet, Merlot, Bordô, Izabel

Fonte: João *et al* (2013) e dados de pesquisa de campo.

A mais recente é a Vinícola De Noni criada em 2012, por Vandionei De Noni com mão de obra familiar especialmente do filho Franklin De Noni. O fundador, no início da sua carreira, trabalhou juntamente com o Genésio Mazon, na vinícola Mazon e, posteriormente,



na Epagri, onde adquiriu todo o conhecimento sobre a vinificação das uvas Goethe. Apesar de ter filhos, os mesmos não estão trabalhando no empreendimento. Portanto, pode ser considerado um problema para continuidade da vinícola.

A vinícola Mazon foi fundada em 1970 pelos irmãos Genésio e Jayme Mazon, que seguindo a tradição da linha materna da família no ramo da vitivinicultura, tiveram por estratégia estimular a fruticultura na região, na qual predominava a fumicultura. A vinícola é gerenciada pela esposa de Genésio Mazon, a Sra Giselda. Mas, no complexo, foram criados outros empreendimentos atrelados à vinícola: uma pousada, restaurante e eventos. Este é gerenciado pela filha do fundador da vinícola, Patricia Mazon.

As famílias Damian e Mariot, originárias da região do Vêneto, Província de Belluno, Itália, estabeleceram-se em Urussanga em fins do século XIX. A Vitivinícola Urussanga foi fundada em 1975 por Hédi Damian, sobrinho de Pietro Damian e conta com parreirais próprios. Hoje, Renato Mariot Damian, filho de Hédi e Amália Mariot, é o administrador da empresa e conta com a assessoria do filho Matheus Damian, formando três gerações na administração. Para o empreendimento, já pode ser considerado um problema futuro a questão da sucessão familiar, visto que Matheus Damian, ainda não possui filhos e sua irmã Julia, não atua no empreendimento.

A Vinícola Quarezemin foi fundada em 2002, originária de Azambuja, Pedras Grandes, atualmente sua estrutura principal está localizada no Município de Içara. A gestão do empreendimento está sob a administração de Haroldo Quarezemin e suas filhas Beatriz e Camila Quarezemin. Mas não apresentam ainda a preocupação com a questão da sucessão familiar.

A última vinícola registrada na ProGoethe é a Vinícola Trevisol conta com a tradição na produção de vinhos deste a década de 50 aproximadamente, sendo fundada como vinícolas oficialmente em 2002, localizada em Urussanga, no Rio Caeté, mantendo a tradição familiar. Atualmente, está sob a administração da quarta geração da família. A 5ª geração também já se encontra trabalhando na vinícola, trazendo novas visões ao empreendimento. É atualmente a vinícola com a melhor estrutura, organizada e com uma visão de futuro bem estipulada. Atualmente, a Universidade do Extremo Sul Catarinense, a partir do projeto de extensão, está elaborando o plano de negócios e Canvas, para dar maior suporte a gestão do empreendimento.

O que se pode inferir que a partir da análise feita no presente artigo é que as vinícolas possuem como característica em comum a gestão do negócio voltada à sucessão familiar. No entanto, ainda não estão totalmente bem estruturadas, para realizar a sucessão, de maneira profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, o referencial bibliográfico consultado aponta, primeiro, para o fato de que a sucessão nas empresas familiares depende da preparação que receberá a geração futura, por meio da gestão/geração atual, tratando de um processo complexo, tendo em vista que numa empresa familiar encontram-se, além dos aspectos patrimoniais, os aspectos familiares, históricos, os valores que levam a conflitos de liderança e poder. Em segundo, para o fato de que a maioria das empresas em funcionamento no mercado são empresas familiares e que essas são responsáveis pelo desenvolvimento econômico e geração de empregos. Isto corrobora com o apontado no estudo da PwC (*Pricewaterhouse Coopers*) - Pesquisa Global sobre Empresas Familiares (2014), do qual afirma que a transição entre os sucessores da



empresa familiar é o momento mais arriscado para o futuro do negócio. Ela deve ser gerenciada de maneira profissional e não pessoal, em um processo de longo prazo.

A vitivinicultura brasileira foi inserida no país pelos imigrantes europeus e, no sul de Santa Catarina, a produção de vinhos é expressiva, realizada principalmente via empresas familiares. O estado possui uma participação significativa no ramo da vitivinicultura, ficando em segundo lugar em nível nacional, um fator importante para o desenvolvimento econômico da região.

Após a conquista da IP nos “Vales da Uva Goethe”, houve agregação de valor, no vinho e em toda cadeia ligada a IPVUG e o vinho Goethe está se tornando, aos poucos, conhecido nacional e internacionalmente.

Após análise dos resultados, constatou-se que as cinco vinícolas estão atreladas ao trabalho familiar como mão de obra principal. A uva Goethe é considerada um símbolo de resistência daqueles que quiseram permanecer no negócio vitivinícola, perpetuando a cultura local e o saber-fazer. Com o registro da IPVUG, houve o fortalecimento deste sentimento, tornando-se um fator atrativo para investimentos e continuidade do negócio no âmbito familiar.

Verificou-se que 100% das vinícolas analisadas no estudo de caso são empresas familiares, sendo que três geridas pela segunda geração, uma conta com a participação da terceira geração, e uma já conta com a atuação da quarta na gestão do negócio. A contínua gestão do negócio pela família por mais de duas gerações leva, a constatação da ocorrência de sucessão familiar nas vinícolas associadas a ProGoethe. Infere-se ainda que a concessão do registro da IP é um incentivo para fortalecer essa cultura, dando continuidade à empresa familiar na região, com a expectativa de as próximas gerações permanecerem no negócio, possibilitando desenvolvimento, fortalecimento e a sucessão nas empresas familiares associadas à ProGoethe. No entanto, as empresas precisam ter uma certa preocupação com a questão da sucessão familiar, para continuidade do empreendimento.

Através de projeto de extensão, um grupo de pesquisadores da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), pelo Grupo de Pesquisa Propriedade Intelectual, Desenvolvimento e Inovação (PIDI) tem realizado o plano de negócios e Canvas das vinícolas. Já foi realizado na Casa del Nonno (Vitivinícola Urussanga) e está sendo realizado na Vinícola Trevisol. O que se percebe a partir das visitas, é que ainda há a necessidade de melhor estruturação dos empreendimentos na parte da gestão, bem como preparar os sucessores para assumir o negócio, de maneira mais profissional, e não tanto pessoal. Um longo caminho ainda deve ser trilhado.

REFERÊNCIAS

BERNHOFTE, R. **Governança na Empresa Familiar**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BILIBIO, C. **Planejamento Estratégico na Empresa Agrícola Familiar**. São Luiz: EDUFM, 2009. 108p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Curso de propriedade intelectual & inovação no agronegócio: Módulo II, indicação geográfica** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; organização Claire Marie Cerdan, Kelly Lissandra Bruch e Aparecido Lima da Silva. – 2ª Ed – Brasília: MAPA, Florianópolis : SEaD/UFSC/FAPEU, 2010.



ESTEVA, V.; FREIRE, P.S.; MACCARI, G.M. Características Bloqueadoras e Potencializadoras Da Inovação Em Empresa Familiar. **V Semana de Ciência e Tecnologia da UNESC, 2014**. Disponível em: <>. Acesso em: 30 ago. 2015

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.

GLOBAL FAMILY BUSINESS INDEX. University of St.Gallen, Switzerland, in cooperation with EY's Global Family Business Center of Excellence. Disponível em: <<http://familybusinessindex.com/#map>>. Acesso em: 01nov2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 set 2015.

INPI. Instituto Nacional de Propriedade Industrial. **Lista das indicações de procedência concedidas**. (2015a) Disponível em: <[file:///C:/Users/DricpVieira/Downloads/LISTACOMASINDICAESDEPROCEDNCIACONCEDIDAS14072015%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/DricpVieira/Downloads/LISTACOMASINDICAESDEPROCEDNCIACONCEDIDAS14072015%20(1).pdf)>. Acesso em: 17nov2015.

INPI. Instituto Nacional de Propriedade Industrial. **Lista das denominações de origem concedidas**. (2015b) Disponível em: <[file:///C:/Users/DricpVieira/Downloads/LISTACOMASDENOMINAESDEORIGEMCONCEDIDAS01092015%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/DricpVieira/Downloads/LISTACOMASDENOMINAESDEORIGEMCONCEDIDAS01092015%20(1).pdf)>. Acesso em: 17nov2015.

JOÃO, G. A.; VIEIRA, A. C. P.; SOUZA, I. R.; WATANABE, M. Análise do nível cooperativo das vinícolas participantes à associação ProGoethe situadas na região dos “Vales da Uva Goethe”. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2013, Belém. **Anais Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Brasília: Sober, 2013.

MACEDO, J. F.de. **Sucessão na empresa familiar: teoria e prática**. São Paulo: Nobel, 2009.

MAESTRELLI, Sérgio Roberto. **Do Parreiral à Taça: o vinho através da história**. Urussanga: EPAGRI, 2011. 339 p

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 3 jun. de 2014.

_____. **Curso de Propriedade Intelectual e Inovação no Agronegócio: Módulo II, Indicação Geográfica**. Brasília: MAPA, 2º ed. 2010.

MOGGI, J.; CHAVES, L.A. **Empresa familiar: crescimento, desenvolvimento, perpetuidade**. 1ed. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2013.

PROGOETHE, Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga. Disponível em: <http://www.proGoethe.com.br/>. Acesso em: 15out2015.



PROTAS, J. F. da S.; CAMARGO, Umberto. A.; MELLO, Loiva M. R. de. **A viticultura brasileira: realidade e perspectivas**. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 1., 2002, Andradas. Viticultura e enologia: atualizando conceitos. Caldas: EPAMIG, 2002.

PWC (Pricewaterhouse Coopers) – **Pesquisa Global sobre as Empresas Familiares** (2014). Disponível em: <<http://www.pwc.com.br/pt/publicacoes/setores-atividade/assets/pcs/pesq-emp-fam-14.pdf>>. Acesso em: 08nov2015.

RICCA, D. **Sucessão na Empresa Familiar: Conflitos e Soluções**. Colaboradores José Bernardo Enéias de Oliveira, Roberto Gonzalez, Sandra Regina da Luz Inácio. São Paulo: Editora CLA, 2007.

SHAW, E. A guide to the qualitative research process: evidence from a small firm study. **Qualitative Research: An International Journal**. vol. 2. n° 2, 1999. p. 59-70.

SEBRAE NACIONAL. **Características das empresas familiares**. 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Conhe%C3%A7a-as-caracter%C3%ADsticas-de-neg%C3%B3cios-familiares>>. Acesso em: 08nov2015.

SHAW, E. A guide to the qualitative research process: evidence from a small firm study. **Qualitative Research: An International Journal**. vol.2. n° 2, 1999. p. 59-70.

VELLOSO, C. Q. **Indicação Geográfica e desenvolvimento territorial sustentável: a atuação dos atores sociais nas dinâmicas de desenvolvimento territorial a partir da ligação do produto ao território (um estudo de caso em Urussanga, SC)**. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências Agrárias / Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2008.

VIEIRA, A. C. P.; WATANABE, M.; BRUCH, K. L. Perspectivas de desenvolvimento da vitivinicultura em face do reconhecimento de Indicação de Procedência “Vales da Uva Goethe”. **Revista Geintec**, São Cristóvão SE, 2012a.

VIEIRA, A. C. P.; WATANABE, M.; BRUCH, K.L. Perspective of socioeconomic development in the Valley of Goethe Grapes with the use of the geographic indication. In: **35ème Congres Mondial du Vin et de la Vigne**, 2012, Izmir. 35ème CongresMondialduVin et de laVigne. Paris: OIV, 2012b.

VIEIRA, A.C.P.; GARCIA, J. R.; BRUCH, K. L. Análise econômico-ecológica dos efeitos da mudança climática na região delimitada pela Indicação de Procedência “Vales da Uva Goethe” em Santa Catarina – Brasil. **ANAIS VI CONGRESSO INTERNACIONAL SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCALIZADOS**. Florianópolis: VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados. Florianópolis: UFSC - Cirad, 2013.